

*Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças-MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher*

Rachelly Webster Trajano<sup>1</sup>Neil Franco<sup>2</sup>Minéia Carvalho Rodrigues<sup>1</sup>Luís Antônio Bitante Fernandes<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi entender como atletas do Time Amador Juvenil de Futsal Feminino da cidade de Barra do Garças - MT compreendiam os significados da vivência dessa prática no que se refere às determinações históricas, sociais e culturais do gênero e da sexualidade. A compreensão sobre a relação gênero, feminilidade e futebol, sob o olhar de técnicos desse time foi também foco de interesse. Trata-se de uma pesquisa direta e de abordagem qualitativa, construída a partir da correlação de fontes bibliográficas, questionário e entrevista. A perspectiva pós-estruturalista definiu o campo teórico que sustentou as análises. Concluiu-se que a prevalência de preconceito em relação à sexualidade é inerente ao futebol/futsal, uma vez que vivemos numa sociedade em que essa modalidade é entendida como privilégio masculino. As mulheres que se inserem nesse esporte são expostas a vários tipos de recusas pela prevalência de um imaginário social que alimenta que o futebol/futsal possa masculinizá-las.

**Palavras-Chave:** Feminilidade. Futebol de salão. Homofobia.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Mato Grosso

<sup>2</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora

Submetido em: 09 ago. 2016

Aceito em: 19 jan. 2017

Contato: neilfranco010@hotmail.com

## *Women's amateur juvenile futsal team of Barra do Garças-MT: breaking limitations to the construction of the woman gender*

### ABSTRACT

Our goal was to understand how athletes of the Women's Amateur Juvenile Futsal team from the city of Barra do Garças-MT understood the meanings of living this practice regarding the historical, social and cultural determinations of gender and sexualities. The comprehension of the relationship between gender, femininity and soccer under the perspective of the coaches of this team were also a focus of interest. This is a direct research with a qualitative approach, based on the correlation of bibliographical sources, questionnaires and interviews. The poststructuralist perspective set the theoretical framework that supported the analysis. We concluded that the prevalence of prejudice against sexuality is inherent in soccer/futsal, since we live in a society where this sport is understood as male privilege. The women inserted in this sport are exposed to various types of rejections due to the prevalence of a social imaginary that upholds that soccer/futsal can masculinize them.

**Keywords:** Femininity. Futsal. Homophobia.

## *Equipo amador juvenil de futsal femenino de Barra do Garças-MT: rompiendo limitaciones en la construcción del género mujer*

### RESUMEN

Nuestro objetivo fue entender como atletas del Equipo Amador Juvenil de Futsal Femenino de la ciudad de Barra do Garças-MT comprendían los significados de la vivencia de esa práctica en lo que se refiere a las determinaciones históricas, sociales y culturales del género y de las sexualidades. Las comprensiones sobre la relación género, feminilidade y fútbol bajo el mirar de técnicos de ese equipo fue también foco de interés. Se trata de una investigación directa y de abordaje cualitativo, construida a partir de la correlación de fuentes bibliográficas, cuestionario y entrevista. La perspectiva post-estructuralista definió el campo teórico que sostuvo los análisis. La prevalência del prejuicio en relación a la sexualidade es inherente al fútbol/futsal, pues vivimos en una sociedad en que esse deporte es entendido como privilegio masculino. Las mujeres que se insertan en ese deporte son expuestas a varios rechazos por la prevalência de un imaginario social que nutre que el fútbol/futsal pueda masculiniza-las.

**Palabras Claves:** Feminilidade. Fútbol de salón. Homofobia.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo foi entender como atletas do Time Amador Juvenil de Futsal Feminino da cidade de Barra do Garças-MT compreendiam os significados da vivência dessa prática esportiva, sobretudo no que se refere às determinações históricas, sociais e culturais do gênero e das sexualidades. A compreensão sobre a relação gênero, feminilidade e futebol, sob o olhar de técnicos atuantes e que atuaram nesse time, foi também foco de interesse.

O futsal feminino, de forma sistematizada, começou a ser praticado em Barra do Garças no ano de 1996, em uma escolinha particular, na quadra do Centro Social Urbano (CSU), no bairro Santo Antônio, tendo como professor Márcio Oliveira<sup>3</sup>, técnico que já atuava no futsal masculino. Nesse local já existia uma escolinha de futsal masculino, mas, devido à grande procura e interesse das meninas em praticar a modalidade, foi criada a primeira escolinha de futsal feminino da cidade.

A partir desse momento, com o projeto Renascer, vinculado à Coordenadoria de Esportes da cidade, as escolinhas de futsal passaram a ser gratuitas, o que aumentou o número de meninas praticantes, já que o projeto contemplava quase todos os bairros da cidade. O primeiro título conquistado pela Equipe Feminina de Futsal de Barra do Garças foi o de campeã regional, em 1998, na cidade de Água Boa – MT, sob orientações técnicas de outro professor, Vadão. No mesmo ano, a equipe foi também campeã dos Jogos Abertos, em Barra do Garças. O título de campeã regional foi alcançado também pela equipe nos anos de 2005, 2010 e 2012, quando um novo professor, Jorge Barcellos, assumiu a direção técnica. No ano de 2015, nos 34º Jogos Regionais de Seleções Estudantis, na cidade de Água Boa, a equipe foi vice-campeã, liderada pelo treinador José Duarte. Portanto, no trajeto histórico da implantação do futsal feminino em Barra do Garças, no período de 1996 a 2015, quatro técnicos/professores foram os idealizadores desse processo<sup>4</sup>. Três deles foram colaboradores desta pesquisa.

As experiências vivenciadas pela pesquisadora, como atleta de futsal do Time Amador Juvenil de Futsal Feminino da cidade de Barra do Garças - MT, instigaram-lhe o interesse por esse campo de investigação, uma vez que essas vivências levaram-na a perceber que o futsal/futebol é considerado pela sociedade como um esporte

---

<sup>3</sup> Respeitando a determinação da Resolução CNS/196, que normatiza a pesquisa com seres humanos, todos os sujeitos colaboradores da pesquisa tiveram seus nomes civis substituídos por nomes fictícios. Para os técnicos, utilizamos os nomes dos treinadores da Equipe Brasileira de Futebol Feminino.

<sup>4</sup> Ainda que vinculada à Coordenadoria de Esportes da prefeitura de Barra do Garças, não existem registros formalizados sobre a criação da Equipe de Futsal Feminina dessa cidade. Essa história é contada pelos treinadores que, na maioria de vezes, de caráter voluntário, se dedicaram à causa (Informações obtidas via entrevista ao treinador da equipe de futsal feminino de Barra do Garças, Jorge Barcellos, Barra do Garças, MT, Ginásio de Esportes Arnaldo Martins, 24 de novembro de 2015).

exclusivamente masculino, sendo recorrente o índice de discriminação e preconceito sofrido por mulheres praticantes desse esporte. Em razão disso, torna-se necessário explicitar a compreensão sobre as categorias gênero e sexualidade que permearão constantemente as discussões da pesquisa.

De acordo com Guacira Louro (1997), a concepção de gênero, como sendo produzida dentro de uma lógica dicotômica, implica um polo que se contrapõe a outro, portanto, uma ideia singular e restrita de masculinidade e de feminilidade. Isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se enquadram em uma dessas formas. Ou seja, biologicamente o homem se diferencia da mulher pelos aspectos fisiológicos dos órgãos genitais, contudo, faz-se necessário levar em conta que não são as características sexuais que devem ter ênfase, mas sim a importância da construção histórica e cultural de cada sujeito. Nessa vertente, o gênero, de forma breve, pode ser entendido como a maneira como a pessoa se identifica ou é identificada, nas dimensões sociais e culturais, como homem, mulher, ou nenhum deles.

Sobre sexualidade, observa-se que os sujeitos podem construí-la de diferentes formas; eles podem viver sua afetividade, seus desejos e prazeres corporais de muitos modos, estando, como o gênero, imersa em representações históricas, sociais e culturais (LOURO, 1997; WEEKS, 1999). Porém, essas representações não isentam que a sexualidade tenha se tornado uma das matrizes fundamentais na instalação de estratégias em que poderes e saberes regulam como, quando e onde a condição humana deve existir. Michel Foucault ressaltou essa reflexão quando definiu a sexualidade como sendo:

[...] o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Os/as teóricos/as que sustentam as análises aqui realizadas situam-se dentro de uma perspectiva pós-estruturalista, em que a discussão sobre gênero e sexualidades destaca abordagens que enfocam a centralidade da linguagem como produtora das relações entre corpo, sujeito, conhecimento e poder estabelecidas pela cultura. Essa perspectiva nasceu a partir da força operante dessas construções históricas e culturais que levou o movimento feminista, no final dos anos 80 e toda a década de 90, a um processo de resignificação do conceito de gênero (e de sexualidade), desdobrando-os tanto no campo teórico como no campo político (MEYER, 2003).

Metodologicamente, este trabalho se trata de uma pesquisa direta e de abordagem qualitativa. Para Mauro Mattos, Adriano Rossetto Júnior e Shelly Blecher (2008, p. 33), a pesquisa direta “[...] consiste no entendimento da realidade, por meio de

leituras e reflexões, com dimensão empírica, que é a evidência da realidade, obtida com a observação e experimentação.”

Quanto ao enfoque teórico-metodológico, este estudo baseia-se nas análises e correlações de fontes bibliográficas e informações obtidas pela aplicação de questionários e entrevistas, caracterizando-se como uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa. Já a pesquisa bibliográfica se faz necessária a qualquer tipo de investigação científica por permitir a compreensão, o entendimento e a análise de conhecimentos culturais e científicos, oferecendo subsídios para fundamentação teórica sobre determinado tema (MATTOS; ROSSETO JUNIOR, BLECHER, 2008).

Dessa forma, a construção de dados para a pesquisa foi realizada junto ao Time Amador Juvenil de Futsal Feminino da cidade de Barra do Garças-MT, entre dezembro de 2013 e agosto de 2014, por meio de um questionário semiaberto, elaborado especificamente para as atletas da equipe. Além de dados de identificação, como idade, cor, escolaridade, com quem reside, etc., objetivou-se elencar o que motivou essas jogadoras a optarem pelo futebol como prática esportiva, como era a participação dos pais e amigos/as em relação à prática do futsal por elas, e, como compreendiam a relação entre futsal feminino e sociedade.

Buscou-se também saber se as atletas vivenciaram preconceitos por praticarem futebol e, em caso positivo, quais foram essas situações. Outro ponto abordado foi discutir sobre a possibilidade da influência do esporte na descoberta e/ou construção de sua sexualidade, com o intuito de desvendar, na percepção das jogadoras, se o futebol possui a capacidade de masculinizar mulheres – discurso sustentado ao longo da história, sobretudo pautado no imaginário social.

Ao todo, foram entregues vinte questionários para as jogadoras que participavam e que já participaram da equipe, dos quais quinze foram devolvidos preenchidos, definindo, assim, os sujeitos da pesquisa em dois grupos: grupo de ex-atletas e de atuais atletas do Time Amador Juvenil de Futsal Feminino da cidade de Barra do Garças-MT.

Quadro 1 - Grupo de ex-atletas do time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças - MT

Jogadora	Idade	Cor	Escolaridade	Estado civil	Reside com	Trabalha
Barbara <sup>5</sup>	25	Branca	Ens. Sup. completo	Casada	Marido	Sim
Leticia	27	Parda	Ens. Sup. completo	Casada	Marido e filha	Sim
Luciana	18	Parda	Ens. Sup. incompleto	Solteira	Pai, mãe e irmãos/ãs	Não
Monica	25	Parda	Ens. Médio completo	Solteira	Mãe e irmãos/ãs	Sim
Tayla	24	Branca	Ens. Sup. incompleto	Solteira	Pai, mãe e irmãos/ãs	Não
Erika	24	Parda	Ens. Sup. incompleto	Casada	Marido e filhas	Não
Fabiana	23	Parda	Ens. Sup. incompleto	Solteira	Sozinha	Não
Polyana	22	Branca	Ens. Sup. incompleto	Solteira	Sozinha	Não
Andressa	24	Parda	Ens. Médio completo	Casada	Marido	Sim
Marta	26	Parda	Ens. Sup. completo	Solteira	Filho	Sim

De acordo com o Quadro 1, o primeiro grupo consiste de dez meninas que jogaram no time anterior a 2014, com idade entre 18 e 27 anos. Sete delas se identificaram como de cor parda e três de cor branca. No período da coleta de dados, três delas já haviam concluído o Ensino Superior e cinco estavam cursando a universidade. As demais tinham concluído o Ensino Médio. Quatro se identificaram como casadas e seis como solteiras. Quatro residiam com seus maridos, sendo que duas também com seus/suas filhos/as. Três residiam com pai, mãe e irmãos/ãs. Duas moravam sozinhas e uma, só com o filho.

Quadro 2 - Grupo de atletas do time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças - MT

Jogadora	Idade	Cor	Escolaridade	Estado civil	Reside com	Trabalha
Maurine	16	Branca	Ens. Médio incompleto	Solteira	Pai, mãe e irmãos/ãs	Não
Beatriz	15	Parda	Ens. Médio incompleto	Solteira	Pai, mãe e irmãos/ãs	Não
Roberta	15	Parda	Ens. Médio incompleto	Solteira	Pai, mãe e irmãos/ãs	Não
Carla	17	Parda	Ens. Médio incompleto	Solteira	Pai, mãe e irmãos/ãs	Não
Géssica	16	Parda	Ens. Médio incompleto	Solteira	Mãe e irmãos/ãs	Não

<sup>5</sup> Assim como procedemos na identificação dos técnicos do Time Amador Juvenil de Futsal Feminino de Barra do Garças-MT e em razão da temática da investigação, esses nomes fictícios referem-se aos nomes de jogadoras da Equipe Brasileira de Futebol Feminino. Com isso, respeitamos a determinação da Resolução CNS/196 que normatiza a pesquisa com seres humanos.

O segundo grupo é composto por cinco atletas que jogavam no Time Amador Juvenil de Futsal Feminino de Barra do Garças-MT, no período em que se realizou a pesquisa de campo. Encontravam-se com idade entre 15 e 17 anos, quatro se identificavam como de cor parda e uma de cor branca. Todas cursavam o Ensino Médio. As cinco se identificaram como solteiras e residiam com a família.

No processo de construção dos dados empíricos, encontrou-se um pouco de resistência inicial, por parte das jogadoras mais jovens da equipe. O assunto parecia causar-lhes um pouco de receio, pelo fato de já sofrerem discriminação pela escolha da modalidade esportiva. Ao se deixar claro que suas identidades seriam mantidas em sigilo e que todos os nomes utilizados para identificação dos sujeitos da pesquisa seriam fictícios, as resistências foram diminuindo.

Uma entrevista estruturada<sup>6</sup> com o mesmo teor do questionário, foi elaborada para o treinador da equipe atuante no período da realização da pesquisa e, também, para outros dois ex-treinadores dessa equipe. O objetivo foi saber sua compreensão sobre a relação gênero, feminilidade e futebol, uma vez que estavam inseridos diretamente nesse contexto. O Quadro 3 apresenta os dados desses sujeitos.

Quadro 3 - Grupo de Técnicos do time amador juvenil futsal feminino de Barra do Garças - MT

Técnico	Idade	Cor	Escolaridade	Estado civil	Reside com	Atuação Futebol	Atuação no Futebol feminino
Marcio Oliveira	38	Pardo	Sup. completo	Casado	Mulher e filhos/as	25 anos	22 anos
Vadão	40	Negro	Sup. incompleto	Solteiro	Sozinho	16 anos	8 anos
Jorge Barcellos	39	Pardo	Sup. incompleto	Casado	Mulher e filhos/as	16 anos	13 anos

Como descrito no Quadro 3, os técnicos investigados encontravam-se em idade entre 38 e 40 anos, dois se identificaram como pardos e um como negro. Dois dos técnicos se anunciaram casados, residindo com suas esposas e filhos/as. Vadão era solteiro e residia sozinho. Márcio Oliveira havia concluído o curso de Licenciatura em Educação Física, enquanto que, para Vadão e Jorge Barcellos, o curso ainda estava em andamento. A atuação na área do futebol/futsal variou entre 16 e 25 anos, sendo que pelo menos metade do tempo de atuação foi específico com o futebol/futsal feminino.

Definidos os aspectos introdutórios e a metodologia, segue-se o texto apresentando um breve histórico do futebol/futsal e a inserção da mulher nessa modalidade esportiva. Na sequência, destaca-se a análise dos dados, as considerações finais e as referências.

<sup>6</sup> Em razão de um dos técnicos apresentar dificuldades na fala, optou por responder por escrito às questões da entrevista.

## FUTEBOL: UMA BREVE HISTÓRIA

O futebol tornou-se mundialmente um dos esportes mais populares por ser acessível e de fácil entendimento para todos/as que apreciam atividades esportivas. Para que o jogo de futebol aconteça, são necessários uma bola, duas traves, duas equipes e o desejo do embate e, conseqüentemente, a vitória de uma das equipes, ou o empate. Para a formação das suas equipes, não se distinguem a idade, o gênero ou raça, nem mesmo o local, podendo ser praticado na rua, na escola, no campinho, no clube, dentre outros. Embora não se tenha muita certeza sobre a origem do futebol, historiadores/as descobriram vestígios em várias culturas antigas de jogos que ainda não eram o futebol que se conhece nos dias de hoje, pois, não havia regras sistematizadas, aproximando-se, muitas vezes, de eventos religiosos e místicos (CAMPEÕES, 2013; BRACHT, 2011).

Quando se fala sobre a história do futebol, tem-se como referência o Gioco Del Calcio, jogo praticado na Itália do século XVI; o kemari, jogo japonês, de origem chinesa, que surgiu por volta 2600 a.C.; e o jogo de pelotas dos antigos Maias. Naquela época, os jogos já apresentavam vestígios de sua identidade esportiva, ou seja, a bola era conduzida com as mãos ou com os pés, o tamanho do campo de jogo era delimitado, assim como a quantidade de jogadores, e já havia regras específicas. Porém, há algumas controvérsias, como, por exemplo, no jogo de pelotas dos antigos Maias, em que a atividade era totalmente relacionada com a instituição religiosa e, a cada final de “partida”, um jogador era sacrificado (BRACHT, 2011).

Registros históricos apontam que, em decorrência do processo industrial, a aristocracia inglesa tinha dinheiro e tempo livre, passando a se reunir nos clubes onde se praticava tiro ao alvo e apostava nas corridas a cavalo e de corredores a pé (hoje o atletismo). Contudo, foi no século XIX que o esporte passou a ser sistematizado, em especial, pela Associação Cristã de Moços (ACM) que, a partir de 1884, divulgou o esporte em vários países do mundo, criando modalidades como o vôlei, o basquete, o futebol e o futsal. Nesse período, Charles Miller teve seu primeiro contato com o futebol e o trouxe para o Brasil (BREGOLATO, 2002; CAMPEÕES, 2005; BRACHT, 2011).

Charles Miller é considerado o fundador do futebol no Brasil. Ele teve contato com o jogo durante seus estudos na Inglaterra e, em seu retorno, em 1894, divulgou e implantou o esporte no país. Em 1898, foi criado o primeiro clube voltado apenas para a prática do futebol, a Associação Atlética Mackenzie. Em 1901, formou-se a primeira liga de futebol no Brasil, a Liga Metropolitana de Football do Rio de Janeiro. Levaram-se anos para que o futebol repercutisse no Brasil, pois, a princípio, ele era praticado apenas pela elite, assim como suas origens europeias mostram (CAMPEÕES, 2005).

No ano de 1958, a Seleção Brasileira alcançou o título de campeã da Copa do Mundo, o que foi de grande representatividade, e gradualmente o fez o país ser

interpretado mundialmente como o “país do futebol”. Por esse motivo, o futebol no Brasil foi cada vez mais conquistando seu espaço por intermédio de campeonatos regionais, estaduais, nacionais e internacionais (CAMPEÕES 2005). Outras vertentes do futebol surgiram, com o passar dos tempos, sendo o futebol de salão, “futsal”, nosso foco para as contextualizações deste estudo.

Não se sabe ao certo sobre a origem do futsal, se foram os brasileiros que, ao passarem pela ACM de Montevidéu, levaram consigo do Brasil o hábito de jogar o futebol na quadra de basquete ou, ao contrário, se os uruguaios trouxeram esse costume de Montevidéu e começaram a praticá-lo no Brasil. De qualquer forma, há uma versão de que ele foi criado em 1934, na ACM de Montevidéu, Uruguai, nomeado como *Indoor-foot-ball* pelo professor Juan Carlos Ceriani (CAMPEÕES, 2005; FUTSAL, 2009).

Outra versão sugere que o esporte já era praticado no Brasil, no ano de 1940, na ACM de São Paulo, pelo fato de os campos de futebol sempre se encontrarem ocupados por outras modalidades esportivas, com isso, os praticantes passaram a executar o esporte nas quadras de basquete e hóquei. A princípio, o futsal era formado por cinco a sete jogadores em cada equipe, até se definir em cinco. A bola era feita de serragem, crina vegetal, ou de cortiça granulada; o problema era que, por ser muito leve, ela saltava muito e saía da quadra, por isso teve seu peso aumentado e tamanho reduzido, razão pela qual o esporte foi chamado de “Esporte da bola pesada” (FUTSAL, 2009). Apesar da “bola pesada”, esse fato não impediu que o fascínio por essa modalidade fosse também manifestado pelo gênero pejorativamente intitulado como “sexo frágil”. Mulheres não só passaram a admirar o futebol de salão/futsal, como também, praticá-lo.

## FUTSAL COM BATOM: ROMPENDO LIMITAÇÕES DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE

Atualmente, a mulher cada vez mais vem ganhando seu espaço nas modalidades esportivas, principalmente no futebol e no futsal, o que, há algumas décadas, não acontecia. Na história da construção dos gêneros, se estabeleceu uma interpretação social e cultural em relação às mulheres como sendo o sexo frágil, cujo papel social pouco ultrapassava os limites da procriação, do cuidado do lar e dos/as filhos/as. Em razão disso, foram por muito tempo barradas de praticar diversas modalidades consideradas social e culturalmente como adequadas ao gênero masculino, dentre elas o futebol (FRANZINI, 2005).

Num sentido mais amplo, envolvendo a prática esportiva e as diferenças de gênero, na época do Império brasileiro, no momento em que a Educação Física foi implantada nas escolas, foi impedida a participação das meninas, com total apoio dos pais (KNIJNIK, 2003; SOUZA JUNIOR, 2002). O corpo feminino deveria ter formas determinadas, como um quadril largo, uma estrutura óssea que ajudasse no parto e, se possível, nada de músculos bem definidos. A prática de esportes, como o futebol, poderia masculinizar o corpo feminino e, com isso, afastar seus pretendentes ao matrimônio. Dessa forma, a prática corporal indicada nessa época para as mulheres era a ginástica, pois valorizava a beleza, a fragilidade e a sutileza inerentes à construção cultural feminina e, ao mesmo tempo, conservava seus órgãos reprodutores (ALONSO, 2003).

Mesmo com essas restrições, as primeiras décadas do século XX demarcam a conquista das mulheres por representação em modalidades esportivas entendidas como exclusividade masculina.

Uma das razões para tal conquista foi a participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos que, apesar de não ter se consolidado de forma tranqüila, muito menos fácil, possibilitou certa visibilidade à imagem da mulher atleta. As mulheres foram “autorizadas” a fazer parte deste evento, apenas na sua segunda edição, mesmo sob protesto de alguns de seus idealizadores, cujas intervenções no âmbito da organização das competições,

direcionavam-se para que elas apenas assistissem aos jogos e não deles participassem (GOELLNER, 2005).

Esse movimento de inserção das mulheres em atividades esportivas coincide também com o fenômeno da modernidade, que desencadeou nesse período o processo metropolização em que aconteceu uma nova estrutura dos espaços públicos “redesenhando a energia física dos indivíduos”. “Foi exatamente nesse período que começaram a proliferar, nas cidades, os clubes recreativos, as agremiações, as federações, os campeonatos, as exibições atléticas... locais destinados à performance de corpos educados e desenhados pela exercitação física.” (RIGO et al., 2008, p. 145).

Na busca de identificação das primeiras manifestações do futebol feminino na história da humanidade, apesar de sua invisibilidade, acredita-se que em diversos países essa prática tenha se iniciado paralelo ao futebol masculino. Enfocando o contexto brasileiro, esses indícios são demarcados por três momentos históricos. Em 1913, na realização de um evento beneficente em Indianópolis (SP); na sequência, em 1921, por meio de jogos realizados por senhoritas de bairros da zona norte de São Paulo, Tremembé e Cantareira; e como último evento destacam-se torneios realizados no Rio de Janeiro em 1940 em que participavam mulheres do subúrbio carioca. “Cassino Realengo” e “Eva Futebol Clube” foram times que se estruturaram a partir desses torneios. Esses registros históricos também relatam a polêmica causada por esses

torneios no âmbito da imprensa nacional que, de alguma forma, influenciaram para que a prática do futebol feminino fosse proibida em todo país no ano de 1941 (RIGO, 2008).

Houve uma grande contribuição da legislação para que acontecesse a exclusão da prática de esportes femininos. Em 1941, estabeleceu-se que “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]” (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 61). Em 1965, se reafirmam tais disposições: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e baseball.” (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 63).

Destacam-se, nessa proibição, dois receios que a prática de esportes por mulheres gerava socialmente nesse período. Primeiro, o processo de exibição e espetacularização de seus corpos, que contrariavam os princípios da beleza feminina, levando-as a serem interpretadas socialmente como desonradas, vulgares ou, ainda, associadas ao campo da prostituição. Segundo, o êxito feminino em práticas esportivas violaria os princípios naturais que sustentavam as hierarquias do gênero, estabelecidas como homem/forte e mulher/frágil (GOELLNER, 2005).

A alteração desse contexto somente se verifica em 31 de dezembro de 1979, quando o Conselho Nacional de Desportos (CND) legitimou instruções para a prática de desportos pelas mulheres: “Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.” (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 62). E, ao reconhecer o grande interesse das mulheres pela prática do futebol, em 11 de abril de 1983, pela deliberação nº 01/83 do CND, foi legalizada a prática do futebol em todo o mundo, com a direção da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (BRASIL, 1983).

Com isso, o esporte, como uma prática que poderia machucar, masculinizar e/ou comprometer as funções reprodutivas das mulheres é posto em suspensão na contemporaneidade, demonstrando muito mais restrições e ignorâncias sobre a feminilidade do que verdades científicas sobre esse corpo. O olhar sobre a realidade cotidiana de mulheres atletas tem revelado “[...] que a construção de maior igualdade de gênero nesse campo carece de investimentos mais positivos na educação corporal e esportiva de meninas e mulheres.” (LIMA, 1995, p. 30).

Apesar de haver pouco incentivo e investimento para o futsal feminino, vem aumentando a cada dia o número de atletas de qualidade que praticam esse esporte, exemplo disso é a Seleção Brasileira de Futsal Feminino, que se constituiu no ano de 2001 e se tornou destaque mundial. As atletas conquistaram e vêm conquistando vitórias nos campeonatos, não diferente do futsal masculino, como a Taça Brasil, Campeonato Brasileiro de Seleções e a Liga Futsal Feminina. Porém, diante de todas

essas conquistas, as mulheres ainda sofrem discriminações e preconceitos pela prática do esporte (FUTSAL, 2009), independentemente da dimensão (local, regional, nacional ou internacional). Enfocando essa temática num contexto local, por meio desta investigação, percebeu-se a veracidade dessas contextualizações acerca da relação futebol/futsal e feminilidade.

## **BOLA E BATOM: O DESEJO EM JOGAR FUTSAL**

Ao se pensar na relação Brasil e esporte, logo vem em mente o “país do Futebol”, cujo futebol masculino é priorizado, apesar do crescente número de mulheres que optam por sua prática. Como exemplo, Helena Altmann (CASTELLANI FILHO, 1988) relata que a segunda modalidade mais praticada por mulheres, na região metropolitana da cidade de Campinas-SP, é o futebol. Retomando momentos de suas práticas esportivas na Educação Básica, a autora remete ao ano de 1980, quando um grupo de meninas - do qual ela participava -, apresentou um abaixo-assinado à coordenação da escola, solicitando que fosse liberada a participação feminina nos campeonatos escolares.

Elas obtiveram êxito suas reivindicações e a escola autorizou a inclusão de meninas nas modalidades de basquete e futebol, que somente aconteciam nos campeonatos escolares internos. Nos campeonatos escolares, essas modalidades eram exclusivamente praticadas pelo gênero masculino. O grupo conquistou, inclusive, o espaço para o treinamento de futebol feminino, dificuldade constantemente enfrentada pelo fato da ocupação exclusivamente masculina da quadra de esportes (ALTMANN, 2015).

Ampliando a discussão sobre a relação gênero e futebol, Altmann (2015) descreveu e analisou o documentário “Deixa que eu chuto”, de Alfredo Alves, lançado no ano de 2009. O documentário apresenta a trajetória e as dificuldades de quatro jogadoras conhecidas nacionalmente e apaixonadas pelo futebol, rodeadas por obstáculos por optarem por um esporte culturalmente predeterminado ao gênero masculino. O documentário apresenta algumas falas de jogadoras da Seleção Brasileira de Futebol, como Marta Vieira da Silva, Maurine Dorneles Gonçalves, Juliana Cabral e Cristiane Rozeira de Sousa Silva.

As personagens relatam os obstáculos enfrentados, ao almejamem jogar futebol, profissionalmente, por não encontrarem apoio e patrocínio das instâncias públicas e privadas, assim como denunciam as dificuldades estruturais de manutenção de escolinhas de futebol feminino (ALTMANN, 2015). Esses obstáculos são reafirmados por um dos técnicos do Time Amador Juvenil de Futsal Feminino de Barra do Garças-

MT, ao argumentar sobre o preconceito que envolve a prática do futebol/futsal na sociedade, destacando, em especial, o fator cultural:

Primeiro pela cultura, o futebol já é na cultura brasileira, já é futebol masculino. Então, os investimentos para o futebol feminino são mínimos, você vê que os grandes clubes não investem no futebol feminino. Em outros países investem. Mas, aqui no Brasil, não é investido nada, fica a cargo das prefeituras, das escolinhas de prefeitura, de fazer esse papel. Então, acaba tendo muito preconceito pela forma da cultura brasileira que é voltada ao futebol masculino (Marcio Oliveira).

No entanto, apesar das adversidades, algumas mulheres não desistem, como Nildinha, que, aos 37 anos, já jogou em vários times importantes. Além da Seleção Brasileira, conseguiu se manter e criar sua filha vivendo do futebol (ALTMANN, 2015).

Quando falam de sua aproximação do futebol, as personagens do documentário “Deixa que eu chuto” contam de uma primeira experiência, por meio de uma “pelada” na rua com os amigos, irmãos e/ou primos, forma pela qual descobriram sua afinidade com o esporte. O relato de Aline ressalta essa questão: “[...] Meu pai começou a me levar no Mineirão para assistir aos jogos do Atlético. Eu me apaixonei pela torcida, apaixonei pelo esporte e comecei a brincar aqui na rua com os meninos.” (ALTMANN, 2015, p. 65).

Quando perguntado às atletas e ex-atletas do Time Amador Juvenil de Futsal Feminino de Barra do Garças-MT, o que as motivou a escolherem o futsal como prática esportiva, a maioria das respostas se aproximou da narrativa da jogadora Aline do documentário:

Eu comecei a praticar o futsal desde criança, brincando na rua com meus amigos, primos e primas. A partir daí eu comecei a gostar do esporte (Rosana).

Eu morava em um bairro com muitos meninos e poucas meninas, até meus 10 anos. Eles jogavam bola e meu irmão sempre ia... Comecei a ir junto e gostei. Aí, entrei em uma escolinha de futsal, depois fui chamada para treinar futsal no time da cidade. Não parei desde então (Marta).

Mediante essas narrativas, essas mulheres e meninas tornam-se, assim, sujeitos que contrariam as normas hegemonicamente estabelecidas de gênero, uma vez que, culturalmente, pela influência dos pais/mães, desde o nascimento dos/as filhos/as, a menina, por exemplo, se torna a princesinha da casa, coberta de mimos, sendo sempre presenteada com bonecas, utensílios domésticos em miniatura, e instigadas a serem boas mães e donas de casa. Diferente disso, quando um menino nasce, é presenteado

com camisetas de futebol do time predileto do pai, bolas, chuteiras, dentre outros (DAOLIO, 2006).

Pautado nessas narrativas, pode-se inferir que se houvesse um primeiro contato das meninas com o futebol/futsal, assim como acontece com os meninos, suas técnicas e habilidades futebolísticas seriam mais aprimoradas. Altmann (2015) deixa isso explícito em sua obra, ao constatar que, nas aulas de Educação Física, o vetor de exclusão das meninas de modalidades esportivas, em especial, o futebol/futsal, não se refere exclusivamente à questão de gênero, mas, de forma bastante significativa, à falta de habilidade para o desempenho no esporte. Nesse sentido:

Uma aula de Educação Física em que recorrentemente meninos jogam futebol e meninas, vôlei ou queimada reproduz a desigualdade de acesso à prática do futebol presentes em outras instâncias sociais. Em vez disso, trabalhar pedagogicamente com essa modalidade com meninas amplia seus conhecimentos e habilidades, desconstrói a equivocada – e, por vezes, ainda presente – percepção de incompatibilidade entre feminilidade e futebol. (ALTMANN, 2015, p. 65).

No desfecho dessa discussão, apesar das dificuldades existentes para que praticassem o futebol/futsal, tanto as atletas do documentário – na interpretação de Altmann (2015), quanto aquelas que responderam ao questionário da pesquisa, carregam consigo uma trajetória de possuírem habilidades para a prática do futebol, sobretudo por, desde muito cedo, estabelecerem contato direto com a bola nas peladas com irmãos, primos e/ou amigos. Esse trajeto também evidencia uma “paixão” pelo esporte, motivo que as norteou a seguirem em frente e não desistirem do sonho de ser uma jogadora, seja no time da Seleção Brasileira de Futebol, ou no Time Amador Juvenil de Futsal Feminino de Barra do Garças-MT.

## **BOLA E BATOM, PAIS/MÃES E AMIGOS/AS**

Jorge Knijnik (2003) e Osmar Souza Jr. e Suraya Darido (2002) escrevem que, na época do Império brasileiro, no momento em que a Educação Física foi implantada nas escolas, as meninas foram impedidas de participarem das aulas e pais e mães apoiavam essa decisão. Como já especificado linhas atrás, essa restrição se pautava na crença de que o esporte poderia machucar, masculinizar e/ou comprometer as funções reprodutivas das alunas (GOELLNER, 2005). Dessa forma, interessou saber das colaboradoras da pesquisa como suas famílias e amigos/as interpretavam sua relação com o futsal.

Das quinze atletas, onze disseram que os/as pais/mães não manifestavam restrições e as incentivavam a praticarem o futsal, exceto uma delas, que, apesar de familiares não apresentarem restrições, não incentivavam sua inserção no esporte. Os relatos dessas atletas - maioria do grupo - evidenciam que o apoio da família é essencial na prática de qualquer esporte, principalmente quando ele é tratado com tanta indiferença pela sociedade. Cabe a pais e mães darem apoio, incentivo, pois a base familiar é essencial para a formação da identidade e dos valores do/a filho/a e atleta (VILANI; SAMULSKI, 2002).

Contudo, no outro grupo de colaboradoras, três delas mencionaram que seus/suas pais/mães eram desfavoráveis, mas que não ofereciam obstáculos para que praticassem o esporte. As atletas desses dois grupos, ao relatarem sobre suas famílias, levantam indícios de avanços no que se refere às restrições de atividades esportivas culturalmente predeterminadas ao gênero masculino, praticadas por mulheres, pois, em outras épocas, as famílias, principalmente da elite, compreendiam essa prática como uma possibilidade de desmoralização civil das praticantes.

A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua autoafirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição (GOELLNER, 2005, p. 145).

Do grupo investigado, somente Gêssica descreveu a recusa de sua família, mas afirmou praticar o esporte sem o seu consentimento, ressaltando esse núcleo como o espaço de onde muitas vezes se brota o preconceito, o que condiz com a reportagem publicada no Jornal O Dia, no ano de 1997, em que a filha mais nova de Garrincha, um dos grandes ídolos de futebol brasileiro, descreve as dificuldades que encontrou ao tentar fazer com que a mãe aceitasse sua atuação como jogadora de futebol: “Ela só quer que eu arrume um namorado. Tem medo que pensem que eu sou sapatão.” (SILVA; COSTA; SALLES, 1998, p. 113).

Tal como a filha de Garrincha, Gêssica não tinha o consentimento da família, por desconfiança e receio de possíveis relações com sua sexualidade, ou seja, por medo de ela se tornar homossexual, ou que o esporte a levasse a aderir a essa identidade sexual. Esse contexto será o foco do bloco das análises a seguir.

## FUTSAL FEMININO E SOCIEDADE: SEXUALIDADES COLOCADAS EM EVIDÊNCIA

Tendo em vista o relato da filha de Garrincha e o depoimento da atleta Gêssica, acima mencionados, a opinião das atletas em relação ao preconceito por parte da

sociedade quanto a meninas que jogam futsal parece curioso, particularmente, no que se refere à dimensão da sexualidade. As quinze atletas anunciaram que existe preconceito da sociedade em relação à prática de futebol/futsal por mulheres, que esse preconceito se relaciona à possibilidade de se tornarem homossexuais: “Lembro de uma vez em que fomos jogar em Sorriso [cidade de Mato Grosso]. Nós tínhamos acabado de chegar numa lanchonete e uns caras falaram: ‘La vem o bando de sapatão’.” (Marta).

Este relato da atleta confirma a argumentação de Darido (2002) ao referir-se ao espaço escolar, quando diz que ainda que o futebol esteja sendo praticado com mais frequência por meninas, a sociedade continua a se mostrar extremamente preconceituosa e insiste em taxar o futebol como esporte masculino. Entende-se que a aproximação entre a prática do futebol feminino e a vivência da sexualidade da atleta explica-se por meio da má compreensão sobre os significados de identidade de gênero e identidade sexual (BATISTA, DEVIDE, 2009). Tendo em vista que tanto as identidades de gênero quanto a sexual estão correlacionadas, entende-se que:

[...] identidades sexuais se constituíram, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, sociais e historicamente, como masculinos e femininos e assim constroem suas identidades de gênero. (LOURO, 1997, p. 26).

Uma mulher que exerce a prática do futebol cruza, sobretudo para o imaginário social, os limites da identidade de gênero hegemonicamente estabelecida, em que ao gênero masculino se associam as características de força, agressividade, virilidade e, ao gênero feminino, a delicadeza, a fragilidade e a passividade. Porém, isso não significa que há uma relação causal com a sua identidade sexual. Entretanto, a linearidade da relação entre sexo biológico, construção de gênero e vivência da sexualidade ainda tem sido a norma na sociedade, na qual quem não atende a esse padrão é alvo de críticas e preconceito. As atletas colaboradoras dessa pesquisa enfatizam essa norma social em vários momentos em que foram chamadas a discorrer sobre essa questão:

Quando alguém me pergunta qual esporte eu pratico e falo futsal, as pessoas ficam com cara feia, achando que é só esporte de homem (Andressa).

Fui muito criticada por gostar dessa pratica e fui estereotipada como o “menininho”, ou seja, homossexual (Poliana).

Como descrito nos relatos acima, muitas jogadoras são rotuladas de lésbicas por praticarem futebol/futsal, levantando a discussão sobre a masculinização das mulheres que praticam essa modalidade de esporte. Essa visão de masculinizar ou afeminar um sujeito social se estabelece por uma definição restrita e separativa de lados ou polos que não podem ter suas fronteiras cruzadas, exigindo dos sujeitos sociais que sejam exclusivamente femininos ou masculinos (GOELLNER, 2005; ALTMANN, 2015).

Essa recusa de cruzamento das fronteiras do gênero é um processo histórico, uma vez que, em sua gênese, a prática de exercícios físicos para o homem era vista como uma importante fonte de experiência da validação da masculinidade (LIMA, 1995), significava uma barreira ou negação de indícios de feminilização. Os homens, por meio da prática de exercícios, buscavam o embelezamento de seus músculos, reforçando a ideia de força e, conseqüentemente, o caráter dominador do corpo masculino (MALYSSE, 2002).

Sendo assim, mulheres que praticam esportes, tanto o futebol/futsal, como qualquer outro que se acredite que possa masculinizá-la, sempre serão advertidas sobre seus comportamentos diante da sociedade (DEVIDE, 2005). Adriana Nunan (2003) relata que somente o fato de uma mulher praticar um esporte que a sociedade interpreta como masculino, é automaticamente rotulada de “lésbica”. Dez das atletas confirmaram esse aspecto:

Quando participava de jogos Regionais, a nossa seleção sempre sofria discriminações. Nos chamavam de “sapatão”, “mulher-macho”, dentre outros apelidos pejorativos, sempre relacionados com nossa sexualidade (Marta).

Quando eu saía de um jogo e estava com uniforme, ouvi as pessoas comentando: “Nossa, igualzinho a um homem” (Beatriz).

No futebol/futsal feminino, o preconceito é manifestado de várias maneiras, seja ele em razão da identidade sexual das meninas, nas vestimentas de jogo ou, simplesmente, na manifestação de afinidade pelo esporte. Esses aspectos levam a uma interpretação baseada no senso comum de que seriam, em razão dessa prática, lésbicas (CARNEIRO, 2007). Porém, é evidente a forma como as mulheres conquistaram e conquistam papéis importantes diante da sociedade, inserindo-se em áreas antes habitadas apenas pelos homens.

Entretanto, ainda enfrentam muitas dificuldades para serem reconhecidas no âmbito esportivo, principalmente na modalidade de futebol/futsal, sobretudo, em razão da prevalência do preconceito social e cultural elaborado historicamente. Os relatos acima confirmam essa afirmativa. Assim:

De forma sucinta, o preconceito pode ser definido como uma atitude hostil ou negativa para com determinado grupo, baseada em generalizações deformadas ou incompletas. [...] Esta generalização é chamada de estereótipo e significa atribuir características pessoais ou motivos idênticos a qualquer pessoa de um grupo, independentemente das variações individuais. Os estereótipos são ao mesmo tempo a causa e a consequência do preconceito, e ambos (estereótipo e preconceito) geram discriminação contra o grupo-alvo. [...] No que se refere à discriminação, esta pode ir desde um tratamento diferenciado, passando por expressões verbais hostis e de desprezo, chegando ou não a atos manifestos de agressividade (NUNAN, 2003, p. 59).

Relacionando a afirmativa de Nunan (2003) aos relatos das atletas colaboradoras da investigação e ao relato citado da filha de Garrincha, Bruna Vasconcelos (2009) argumenta que a sociedade condena as vivências das pessoas pela falta de conhecimento e ignorância, generalizando, assim, em termos bem cotidianos e restritos, que meninos devem jogar bola e meninas brincar de bonecas.

Por causa do elevado índice de preconceito em relação a atletas de futebol/futsal, envolvendo a construção da identidade sexual, sobretudo ao serem interpretadas como homossexuais, discutiu-se com as colaboradoras da pesquisa sobre seu entendimento acerca da possibilidade de influência do esporte na descoberta e/ou construção de sua sexualidade. O intuito foi de desvendar, na percepção das jogadoras, se o futebol/futsal possuiria a capacidade de masculinizar mulheres. Sobre esse argumento, todas afirmaram conhecer alguma homossexual que jogava futebol/futsal, mas que, na opinião delas, não fornecia subsídios concretos de que o referido esporte transformaria a identidade sexual das mulheres. Seguem alguns relatos sobre o assunto:

Acredito que o futsal não tem influência alguma, pois conheço várias meninas que não gostam de futsal e são homossexuais (Tayla).

A identidade sexual não é influenciada de maneira alguma pela modalidade esportiva, seja ela qual for (Monica).

Sempre gostei de jogar bola, desde pequena minha paixão por esta modalidade era clara, jogava na rua com meus irmãos e amigos. Meus pais não implicavam, desde que fosse na frente de casa (rsrs). No entanto, sempre fui muito feminina, sempre gostei de maquiagem, bonecas, etc. Hoje, sou casada. Tenho uma filha e gostaria muito que ela também se apaixonasse por essa arte (Rosana).

Ao se analisar os relatos das colaboradoras da pesquisa, pôde-se perceber que o futebol/futsal não é entendido como fator de influência sobre a identidade sexual. Segundo elas, nem o futebol/futsal e nenhum outro esporte as tornaria homossexual. Suas argumentações situam na perspectiva de que a sexualidade é construída e não transformada por alguém ou algo. Segundo Suzana Herculano-Houzel (2006), há várias teorias que contradizem o fato de que o indivíduo se torne homossexual por influência da criação da família ou da escola. Marta argumenta, de forma interessante, sobre essa questão: “Nada influencia na orientação sexual de uma pessoa, caso contrário, seríamos todos heterossexuais por sermos criados (na maioria das vezes) por casais heterossexuais.”

Portanto, a homossexualidade não pode ser considerada como doença, e, sim, como uma variação da sexualidade, diga-se variação, por conta da maioria dos indivíduos serem heterossexuais, sendo isso comprovado, assim como descrito por Herculano-Houzel (2006) ao destacar os estudos neuro-científicos.

Ressaltando a gênese da construção dessa identidade sexual, as produções teóricas sobre a homossexualidade são unânimes em localizá-la como uma categoria que emergiu a partir do século XVIII sendo reconhecida como uma identidade política no século XX. Neste período, esteve estreitamente associada ao crescimento dos espaços urbanos, à diversidade de interações sociais ocasionadas pela migração do setor rural para o industrial, ao anonimato, à marginalidade e também à patologia que norteou e permaneceu norteando os significados que lhe foram atribuídos nos campos sociais e culturais (PARKER, 2002).

Esse contexto também demarcou um zelo “categorizador e definidor” que proporcionou mudanças significativas ao conceito da homossexualidade nos espaços públicos e privados, impulsionando o surgimento de uma política gay e lésbica aberta, desafiadora e questionadora das construções históricas, sociais e culturais até então atribuídas à homossexualidade situando-a dentro de três campos: pecado, crime e/ou patologia (WEEKS, 1999; PARKER, 2002).

Olhando sobre o contexto histórico, evidencia-se uma proximidade entre o processo categorizador da homossexualidade e a evidência de registro da manifestação do futebol feminino socialmente (WEEKS, 1999; GOELLNER, 2005; PARKER, 2002). Outra proximidade seria a forma como esses dois fenômenos afrontam os princípios heteronormativos hegemonicamente instituídos nas sociedades ocidentais e determinam a forma como homens e mulheres devem comportar-se socialmente (LOURO, 1997). Nessa perspectiva, o que os relatos das colaboradoras da pesquisa parecem evidenciar que, nos dias atuais, a prática do futebol por mulheres ainda desencadeia social e culturalmente uma percepção desses sujeitos numa dimensão da “desonra e vulgaridade”, ou ainda, de forma mais latente, a violação dos princípios naturais consolidadores das hierarquias do gênero, comprometendo a relação futebol/futsal/agressividade/virilidade/força somente é entendida como pertencente ao gênero masculino (GOELLNER, 2005; ALTMANN, 2015).

## FUTSAL, MULHERES E SEXUALIDADE: O OLHAR DOS TÉCNICOS

Finalizando a análise, destacar-se-ão os dados obtidos nas entrevistas realizadas com os três técnicos do Time Amador Juvenil de Futsal Feminino de Barra do Garças-MT. Como já explicitado, o objetivo foi saber sua compreensão sobre a relação gênero, feminilidade e futebol, uma vez que estavam inseridos diretamente nesse contexto.

A primeira pergunta que foi feita aos treinadores teve o intuito de saber se, na opinião deles, existe preconceito por parte da sociedade em relação a meninas que jogam o futebol/futsal. Todos afirmaram a existência desse preconceito:

Na realidade esse preconceito já vem da sociedade de maneira geral. Começa em casa, o que é complicado para filha chegar ao pai e falar que vai jogar futsal. Aí, o pai já se assusta e olha de maneira diferente. A gente sabe que esse esporte é estereotipado de certa forma, porque futebol foi feito para os homens, não para as meninas (Jorge Barcellos).

Sim, porque nossa sociedade ainda é extremamente machista, ainda vê o futebol e o futsal como coisa de homem, ainda mais que vivemos numa cidade de porte pequeno em que as pessoas não estão condicionadas a ver um número grande de mulheres jogando futsal ou futebol (Vadão).

Tais relatos confirmam o que já se argumentou linhas atrás, ou seja, a mulher entendida como um ser somente voltado para procriar, cuidar dos/as filhos/as e do lar, incompatível com os princípios sociais e culturais que atribuíram historicamente ao esporte o determinismo da masculinidade. Nesse sentido, exalta-se a crença de que a prática do futebol/futsal poderia masculinizar o corpo da mulher, o que também contribui para o escasso reconhecimento social e político dessa prática pelo universo feminino, em razão da hegemonia masculina (FRANZINI, 2005; ALONSO, 2003; ALTMANN, 2015).

Sobre a ideia alimentada no imaginário social de que o futebol/futsal poderia/pode masculinizar a mulher, procurou-se saber a opinião dos treinadores sobre a relação homossexualidade feminina e futebol/futsal. Ao serem indagados se meninas homossexuais eram as que mais buscavam o futebol/futsal, Vadão e Márcio Oliveira não concordaram com a afirmativa de que existisse uma busca exclusiva do futebol/futsal por meninas homossexuais. Por outro lado, o treinador Jorge Barcelos se posicionou em dúvida quanto a isso. No entanto, Marcio Oliveira, completa seu relato respondendo à terceira questão que interessava saber desses sujeitos: a prática do futebol/futsal poderia transformar meninas em homossexuais?

Eu acho que não, porque as meninas quando começam a praticar, elas começam é porque gostam, porque a cultura brasileira é o futebol, elas querem conhecer. [...] Bom, já trabalhei com futsal feminino. O futsal em si não, são as atletas que praticam, as companhias, as companheiras das meninas que podem influenciar; o que eu vi e que é muito complicado. As meninas acabam sendo influenciadas pelas outras colegas. Aquele tipo de amizade é um vínculo, que elas estão dia a dia junto, então, isso influencia muito. A menina acaba escolhendo outro lado sexual (Marcio Oliveira).

Não é o futsal em si que influencia na orientação sexual das meninas. É, de repente, o ambiente que é formado, por que a gente conhece tantas histórias que aconteceram tanto negativas, assim no meu ponto de vista, muitas histórias positivas no futsal. Você mesmo é um exemplo das pessoas que seguiram a vida, para a gente, no caminho normal [neste momento, o treinador se refere à pesquisadora que foi atleta de futsal]. Outras procuraram seu caminho, acho que isso não é

o futsal que influencia, [...], eu tenho certeza que não (Jorge Barcellos).

Acredito que sim, porque algumas meninas chegam ao futebol ou futsal influenciadas por atletas de alto nível ou profissionais do gênero masculino e, conseqüentemente, começam a imitá-los em gestos, formas de vestir e até mesmo na opção sexual (Vadão).

Débora Britzman (1996) conceitua três mitos que relaciona a separação entre homossexualidade e heterossexualidade, que ela denomina como contraditórios e comuns ao mesmo tempo. O primeiro mito tem relação com o receio advindo de heterossexuais de que homossexuais pudessem exercer grande influência para que outros/as jovens se tornassem também homossexuais. Os relatos dos treinadores condizem com esse primeiro mito de Britzman (1996), ou seja, a forma como eles dizem perceber o fenômeno é como se a aproximação com as meninas homossexuais fosse algo contagioso, que elas pudessem contaminar todas as atletas que se inseriam na equipe, interpretadas inicialmente por eles como heterossexuais; concepção não diferente daquelas que alimentam os discursos sociais que justificam formas variadas de preconceito contra homossexuais na sociedade (LOURO, 1999).

O treinador Jorge Barcellos, em um dos seus comentários, diz que existem histórias positivas e negativas no futsal, no caso da pesquisadora, que também foi sua atleta, “[...] seguiu a vida no caminho normal”. Dessa forma, parece-nos que ser homossexual seria uma escolha errada na visão do técnico, de forma que tudo o que foi ensinado historicamente sobre heterossexualidade fosse a única forma possível e correta de viver diante da sociedade, como sujeitos de gênero e sexualidade.

A argumentação de Jorge Barcelos e a dos demais técnicos também remete ao segundo mito de Britzman (1996), pelo qual a autora elucida a crença social de que os/as adolescentes sejam considerados/as demasiadamente jovens para que sejam identificados/as como homossexuais. Ao iniciarem na equipe de futsal feminino, é como se as meninas trouxessem consigo uma “etiqueta” predeterminada socialmente de que seriam heterossexuais, contudo, uma etiqueta frágil, uma vez que, em razão de um estado de imaturidade, estariam vulneráveis a se aderir ao caminho da sexualidade tida como anormal.

Essa preocupação conduzia alguns dos técnicos a tomarem atitudes com o intuito de prevenir ou impedir uma possível contaminação homossexual no time; aspecto presenciado pela pesquisadora, quando participava da equipe e verbalizado por um dos técnicos: “Eu também já cometi esse preconceito de afastar algumas meninas que estavam indo por esse lado do homossexualismo. Eu pensei, achei no momento que era melhor afastá-las do grupo, para que não influenciassem as outras.” (Jorge Barcelos).

Dessa forma, essas evidências delatam a forma heteronormativa como os técnicos, assumindo uma condição de detentores do poder, naquele espaço, podiam

manifestar condutas específicas perante a equipe, ou seja, tentando corrigir as identidades que fogem ao socialmente predeterminado, em que ser homossexual não era permitido. A tentativa de conservar as meninas em suas entendidas identidades heterossexuais parecia o foco, surgindo a necessidade de excluir as que poderiam comprometer esse processo de disciplinamento da sexualidade (FOUCAULT, 1988; LOURO, 2004).

Subsidiando-se em Louro (2009), entende-se a heteronormatividade como um fenômeno arbitrário de imposição de lugares sociais, em que a única identidade sexual aceita pela sociedade é a heterossexualidade. Assim, aqueles/as que não se enquadram nessa forma de vivência da sexualidade e/ou que se distanciam da possibilidade de se construir unicamente como gênero masculino ou feminino, são automaticamente perseguidos/as e excluídos/as socialmente.

Em contrapartida, no prosseguimento de seu relato sobre o fato, Jorge Barcellos faz considerações bastante inquietantes: “Hoje eu tenho mais clareza e tenho certeza absoluta que naquele momento eu agi com preconceito.” Ao analisar e refletir sobre sua atitude de afastar as meninas homossexuais, o técnico percebeu ter agido com preconceito. Ressaltou “ter mais clareza” sobre a questão em pauta, o que levanta indícios de que, ao longo de sua carreira, tenha, de alguma forma, vivenciado fatos, realidades e discussões que o levaram a repensar sobre as verdades que são culturalmente ensinadas como legítimas.

Ainda assim, no contexto mais amplo, as argumentações dos técnicos dizem do terceiro mito de Britzman (1996), que se refere à crença da separação e da privatização das identidades sexuais, como se os saberes e as ignorâncias sobre a homossexualidade e a heterossexualidade não tivessem nenhuma relação entre si, assumindo, ao mesmo tempo, uma duvidosa noção de privacidade, pressupondo que as ações na vida privada exerçam pouca consequência sobre a vida pública.

O que Britzman (1996) e outros/as autores/as que se dedicam a essa discussão afirmam é que a falta de conhecimento acerca da identidade sexual entendida socialmente como anormal e incorreta, representa, igualmente, uma também falta de conhecimento, ou ignorância, a respeito daquela concebida culturalmente como possível: a heterossexualidade (WEEKS, 1999; LOURO, 1999). Assim, as narrativas aqui analisadas correlacionadas ao referencial teórico levam a concluir que o fenômeno futebol/futsal carrega em si um vasto campo de ignorâncias sobre a construção humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscou-se compreender como as atletas do Time Amador Juvenil de Futsal Feminino de Barra do Garças-MT compreendiam os significados da vivência

dessa prática esportiva referente às determinações históricas, sociais e culturais do gênero e das sexualidades. Também teve-se como foco entender a relação gênero, feminilidade e futebol/futsal, sob o olhar dos técnicos atuantes e que atuaram nesse time.

Concluiu-se que a prevalência de preconceito em relação à sexualidade é inerente ao futebol/futsal. As fontes analisadas na pesquisa conduziram a afirmar que para as atletas e técnicos vive-se numa sociedade em que essa modalidade é entendida como privilégio do gênero masculino. Com isso, as mulheres que se inserem nessa prática esportiva são expostas a vários tipos de recusas pela prevalência de um imaginário social que interpreta que o futebol/futsal possa masculinizá-las.

Ao se analisarem as falas das jogadoras que responderam ao questionário da pesquisa, constatou-se que suas primeiras experiências com o futebol foram sempre por meio de “peladas” na rua, com meninos, sendo, muitas vezes, irmãos ou parentes os primeiros mediadores desse contato.

A partir do referencial bibliográfico utilizado, pondera-se que, se houvesse um primeiro contato das meninas com o futebol/futsal, logo na infância, assim como acontece com os meninos, suas técnicas e habilidades futebolísticas seriam mais aprimoradas, ampliando sua inserção nesse universo das práticas esportivas.

Ressaltando o histórico de discriminação e preconceito, em relação ao futebol/futsal feminino, manifestado pelas mais variadas dimensões sociais (família, escola, sociedade, etc.), um dos principais aspectos evidenciados na pesquisa foi que a maioria das atletas apontou seus familiares como os maiores incentivadores da prática dessa modalidade por elas, o que pareceu um grande avanço, comparado às fontes bibliográficas da área.

Pôde-se também observar a forma heteronormativa como alguns dos treinadores se posicionavam perante a equipe, tentando corrigir as identidades das atletas e criando estratégias para evitar uma possível contaminação homossexual. Nesse processo, a exclusão de meninas identificadas como lésbicas foi o procedimento adotado.

Por fim, considerando os avanços conquistados pelas mulheres nas mais variadas dimensões sociais, inclusive no universo esportivo, o futebol/futsal feminino sofreu/sofre preconceitos recorrentes, de forma que, se não houver um reconhecimento positivo da sociedade em relação a esse fenômeno, será sempre uma modalidade alimentada pela heteronormatividade.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Luiza Klein. Mulher, corpo e mitos no esporte. In: SIMÕES, Antonio Carlos (Org). *Mulher e esporte: mitos e verdades*. Barueri: Manole, 2003. p. 35-48.

ALTMANN, Helena. *Educação física escolar: relações de gênero em jogo*. São Paulo: Cortez, 2015.

BATISTA, Renata Silva; DEVIDE, Fabiano Pries. Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano XIV, n. 137, p. 1-1, out. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd137/mulheres-futebol-e-genero.htm>>. Acesso em 30 jun. 2014.

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3.ed. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e cultura. *Deliberação CND 01/83 de 11 de abril de 1983*. Dispõe sobre normas básicas para a prática de futebol por mulheres. Diário Oficial, Brasília, p. 5794.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. *Cultura corporal da ginástica*. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2002. v. 2.

BRITZMAN, Deborah P. “O que é esta coisa estranha chamada amor?”. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 1. n. 1, p. 71-96, fev. 1996.

CAMPÕES DO FUTEBOL. *História do futebol: origens*. 2005. Disponível em: <<http://www.campeoesdofutebol.com.br/histfutebol.html>> Acesso em: 30 jun. 2013.

CARNEIRO, Maria Luiza Bettiol. *Um toque de bola em pés femininos: um estudo sobre o futebol feminino de Florianópolis*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.

DAOLIO, Jocimar. *Cultura: educação física e futebol*. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. *Motriz*, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n2/Darido.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

DEVIDE, Fabiano Pries. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2005. 144 p.

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade: vontade de saber*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, jul./dez. 2005.

FUTSAL DO BRASIL. *O esporte da bola pesada que virou uma paixão*. 2009. Disponível em: <<http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/cbfs/origem.php>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, abr./jun. 2005.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. O cérebro homossexual. *Mente e cérebro*, São Paulo, ano 14, n. 165, p. 46-51, out. 2006. Editorial.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo: Mackenzie, 2003.

LIMA, Roberto. “On the rocks”: corpo e gênero entre os escaladores do Paraná. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 149-164, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-94.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica: Belo Horizonte, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-34.

- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.
- MALYSSE, Stéfane. (H)altères-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDEMBERG, Miriam. (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 79-137.
- MATTOS, Mauro Gomes; ROSSETO JÚNIOR Adriano José; BLECHER, Shelly. *Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física: construindo sua monografia, artigo e projeto de ação*. São Paulo: Phorte, 2008.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.
- NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.
- PARKER, Richard G. *Abaixo do equador*. Rio de Janeiro: Record, 2002. 380p.
- RIGO, Luiz C. et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, maio 2008.
- SILVA, Maria C. P.; COSTA, Marta M.; SALLES, José G. C. Representação Social do futebol feminino na imprensa brasileira. In: VOTRE, Sebastião. J; SALLES, José. G. C. *Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos*. Brasília: INDESP, 1998. p. 91-116.
- SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental. *Motriz*, Rio Claro, v. 8, n.1, p.1-8, abr. 2002.
- VASCONCELOS, Bruna do Socorro Roma. *A trajetória das jogadoras de futebol feminino paraense: um estudo sobre o preconceito e discriminação de sua prática esportiva*. 2009. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2009.
- VILANI, Luiz Henrique Porto; SAMULSKI, Dietmar Martin. Família e esporte: uma revisão sobre a influencia dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: GARCIA, Emerson Silami; LEMOS, Kátia Lucia Moreira. *Temas atuais VII: educação física e esporte*. Belo Horizonte: Health, 2002. p. 09-26.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35-84.